

Santo Tomás de Aquino

QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE A SANTÍSSIMA TRINDADE

Índice Geral

- **A SANTÍSSIMA TRINDADE NO SÍMBOLO
'QUICUMQUE'.**
- **QUESTÃO PRIMEIRA. A POTÊNCIA DIVINA
CONSIDERADA DE MODO ABSOLUTO.**
- **QUESTÃO SEGUNDA. A CRIAÇÃO, QUE É O
PRIMEIRO EFEITO DA POTÊNCIA DIVINA, E
A CONSERVAÇÃO DAS COISAS NO SER
POR DEUS.**
- **QUESTÃO III. A RELAÇÃO ENTRE DEUS E A
CRIATURA.**
- **QUESTÃO IV. A POTÊNCIA GENERATIVA EM
DEUS.**
- **QUESTÃO V. AS RELAÇÕES DITAS
ETERNAMENTE DE DEUS.**
- **QUESTÃO VI. AS PESSOAS DIVINAS.**
- **QUESTÃO VII. A PROCESSÃO DAS DIVINAS
PESSOAS.**
- **APÊNDICE. SOBRE O PREDICAMENTO DA
RELAÇÃO.**



A SANTÍSSIMA TRINDADE NO SÍMBOLO 'QUICUMQUE'

Índice

[Princípio do Símbolo 'Quicumque', ou de Santo Atanásio.](#)



QUESTÃO PRIMEIRA

A POTÊNCIA DIVINA CONSIDERADA DE MODO ABSOLUTO

Índice

ARTIGO PRIMEIRO. ONDE SE QUESTIONA SE EM DEUS EXISTE POTÊNCIA.



QUESTÃO SEGUNDA

A CRIAÇÃO, QUE É O PRIMEIRO EFEITO DA POTÊNCIA DIVINA, E A CONSERVAÇÃO DAS COISAS NO SER POR DEUS

Índice

ARTIGO PRIMEIRO. E PRIMEIRO QUESTIONAMOS SE DEUS POSSA CRIAR ALGO DO NADA.

ARTIGO SEGUNDO. SEGUNDO, QUESTIONA-SE SE AS COISAS SÃO CONSERVADAS NO SER POR DEUS OU SE, CESSADA TODA A AÇÃO DIVINA, PERMANECEM POR SI NO SER.

ARTIGO TERCEIRO. TERCEIRO, QUESTIONA-SE SE DEUS PODE COMUNICAR A ALGUMA CRIATURA QUE SE CONSERVE NO SER POR SI MESMA, SEM DEUS.





A SANTÍSSIMA TRINDADE NO SÍMBOLO `QUICUMQUE'

***PRINCÍPIO DO SÍMBOLO `QUICUMQUE',
OU DE SANTO ATANÁSIO.***

**"A fé católica
consiste em
venerar um só
Deus na
trindade, e a
trindade na
unidade, sem
confundir as
pessoas, nem
separar a
substância;
pois uma é a
pessoa do Pai,
outra a do
Filho, outra a
do Espírito
Santo; mas
uma é a
divindade,
igual a glória,
coeterna a
majestade do
Pai, e do Filho,
e do Espírito
Santo.**

**Qual o Pai, tal
o Filho, tal o
Espírito Santo;
incriado é o
Pai, incriado o
Filho, incriado
o Espírito**

**Santo; eterno é
o Pai, eterno o
Filho, eterno o
Espírito Santo;**

**e, no entanto,
não há três
eternos, mas
um só eterno;
como não há
três incriados,
nem três
imensos, mas
um só incriado
e um só
imenso; assim
também o Pai é
onipotente, o
Filho é
onipotente, o
Espírito Santo
é onipotente;
e, no entanto,
não há três
onipotentes,
mas um só
onipotente.**

**Como o Pai é
Deus, assim o
Filho é Deus, e
o Espírito
Santo é Deus;
e, no entanto,
não há três
deuses, mas
um só Deus.**

**Como o Pai é
Senhor, assim
o Filho é
Senhor, e o
Espírito Santo**

**é Senhor; e, no
entanto, não
há três três
Senhores, mas
um só Senhor.**

**Porquanto,
assim como a
verdade cristã
nos manda
confessar que
cada pessoa,
tomada
separadamente,
é Deus e
Senhor; assim
também nos
proíbe a
religião
católica dizer
que são três
deuses ou três
senhores.**

**O Pai não foi
feito por
ninguém, nem
criado, nem
gerado.**

**O Filho é só do
Pai; não feito,
não criado,
mas gerado.**

**O Espírito
Santo é do Pai
e do Filho; não
feito, não
criado, mas
procedente.**

**Há, pois, um
só Pai, não
três pais; um
só Filho, não
três filhos; um
só Espírito
Santo, não três
espíritos
santos.**

**E nesta
trindade nada
existe de
anterior ou
posterior, nada
de maior ou
menor; mas
todas as três
pessoas são
coeternas e
iguais umas às
outras; de
sorte que em
tudo, como
acima ficou
dito, deve ser
venerada a
unidade na
Trindade, e a
Trindade na
unidade.**

**Quem quer,
portanto,
salvar-se,
assim deve
crer a respeito
da Santíssima
Trindade".**



n



Santo Tomás de Aquino

QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE A SANTÍSSIMA TRINDADE

QUESTÃO PRIMEIRA

A POTÊNCIA DIVINA CONSIDERADA DE MODO ABSOLUTO

**Esta primeira questão,
traduzida da primeira questão do De Potentia,
é acerca da potência divina
considerada absolutamente,
e nela questionamos se em Deus existe potência.**

ARTIGO PRIMEIRO

- Artigo 1 da Questão I do De potentia -

ONDE SE QUESTIONA SE EM DEUS EXISTE POTÊNCIA

E PARECE QUE NÃO EXISTE, POIS,

**Em
primeiro, a
potência é
princípio de
operação.
Mas a
operação
de Deus,
que é a sua
essência,
não possui
princípio,
porque nem
é gerada,
nem**

**procedente.
Portanto,
em Deus
não há
potência.**

**Ademais,
em quinto,
nada deve
ser
significado
em Deus
pelo qual
seu
primado ou
sua
simplicidade
sejam
derrogados.
Mas Deus,
na medida
em que é
simples e
primeiro
agente, age
pela sua
essência.
Portanto,
não se deve
colocar que
age pela
potência a
qual, pelo
menos,
acrescenta
à essência
um
segundo
modo de
significação.**

**Ademais,
em sétimo,**

**assim como
a matéria
primeira é
pura
potência,
assim Deus
é ato puro.
Mas a
matéria
primeira,
considerada
segundo a
sua
essência, é
despojada
de todo ato.
Portanto
Deus,
considerado
em sua
essência, é
inteiramente
sem
potência.**

**Ademais,
em nono,
quando
algo é
suficiente
para que
algo aja, é
supérfluo
que outro
se lhe
sobre
acrescente.
Mas a
essência de
Deus é
suficiente
para que
Deus por**

**meio dela
aja algo.
Portanto, é
supérfluo
que se
coloque
nela uma
potência
pela qual
agiria.**

PORÉM, AO CONTRÁRIO,

**Em terceiro ,
toda
operação
procede de
alguma
potência.
Ora, a Deus
procede de
alguma
potência.
Ora, a Deus
maximamente
convém
operar.
Portanto, a
potência
convém
maximamente
a Deus.**

RESPONDO, DIZENDO QUE,

**para que se faça
evidência nesta
questão, deve-
se saber que a
potência é dita a
partir do ato. O
ato, porém, o é
de duas
maneiras, isto é,
o primeiro, que
é a forma, e o
segundo, que é
a operação. O
nome ato,
conforme
aparece à
comum
compreensão
dos homens, foi
primeiro
atribuído à
operação. é
assim que, de
fato, quase
todos integram
ato, sendo daqui
depois
transposto para
que significasse
a forma, na
medida em que
a forma é
princípio de
operação e fim.**

**De onde que, de
modo
semelhante, a
potência o é de
duas maneiras.
Uma, a potência
ativa, à qual
corresponde o**

**ato que é
operação, e a
esta é que
parece ter sido
primeiramente
atribuída nome
de potência. A
outra é a
potência
passiva, à qual
corresponde o
ato primeiro,
que é forma, à
qual, de modo
semelhante,
secundariamente
foi-lhe dada o
nome de
potência, pois
assim como
nada padece a
não ser em
razão da
potência
passiva, assim
também nada
age a não ser
em razão do ato
primeiro, que é
forma. Diz-se,
de fato, que ao
nome de ato se
chegou por
primeiro a partir
do nome de
ação.**

**A Deus, porém,
convém ser ato
puro e primeiro,
de onde que ao
mesmo tempo
convém**

**maximamente
agir e difundir
sua semelhança
em outros, e por
isso a ele
maximamente
convém a
potência ativa,
já que a
potência ativa é
dita na medida
em que é
princípio de
ação.**

**Entretanto, o
nosso intelecto
se esforça por
exprimir a Deus
como algo
perfeitíssimo. E
porque em Deus
o tornar-se não
pode se dar a
não ser por
semelhança, e
nem nas
criaturas
encontra-se
algo sumamente
perfeito que
careça
inteiramente de
imperfeições,
por isso nosso
intelecto tenta
atribuir a Deus
as diversas
perfeições
encontradas nas
criaturas, ainda
que qualquer
uma destas**

**perfeições
careça de algo,
mas de tal modo
que qualquer
imperfeição que
se acrescente a
alguma destas
perfeições seja
totalmente
removida de
Deus.**

**Por exemplo, o
ser significa
algo completo e
simples, mas
não subsistente.
A substância,
porém, significa
algo subsistente
mas sujeito de
outros.
Colocamos,
portanto, em
Deus a
substância e o
ser, mas a
substância em
razão da
subsistência e
não em razão de
ser sujeito de
outros,
enquanto que o
ser em razão da
simplicidade e
plenitude, e não
em razão de sua
inerência, pela
qual é inerente a
outro.**

E de modo

**semelhante
atribuímos a
Deus a
operação em
razão [do
término último],
e não em razão
[de que a
operação nele
transita].
Atribuímos-lhe a
potência,
porém, em razão
[de sua
permanência e
de ser
princípio], e não
em razão [dele
alcançar um
término pela
operação].**

**À primeira,
portanto, deve-
se dizer que a
potência não
somente é
princípio da
operação, mas
também de
efeito. De onde
que se
colocamos em
Deus uma
potência que
seja princípio de
efeito, daí não
se seguirá que
haja algum
princípio da
essência divina
que é operação.**

Ou pode-se dizer, e melhor, que em Deus encontramos dois modos de relação. O primeiro é o das relações reais pelas quais as pessoas se distinguem entre si, como a paternidade e a filiação, [que devem ser reais] porque senão as demais pessoas divinas não se distinguiriam de modo real, mas pela razão, como afirmou Sabélio. O segundo é o das relações somente de razão, que são aquelas das quais nos referimos quando dizemos que a operação divina provém da essência divina, ou que Deus opera pela sua essência. De fato, as proposições designam certas relações. E isto acontece porque ao

**atribuirmos a
Deus uma
operação, que
segundo a sua
razão requer
algum princípio,
atribui-se
também a ele a
relação de
existente a
partir de um
princípio, de
onde que esta
relação não é
somente de
razão.**

**De fato, é da
razão de
operação
possuir
princípio, mas
não da razão de
essência. De
onde ainda que
a essência
divina não tenha
princípio nem
segundo a coisa
nem segundo a
razão, todavia a
operação divina
possui algum
princípio
segundo a
razão.**

À QUINTA

**deve-se
dizer que é
impossível
colocar que
Deus aja
pela sua
essência, e
que não haja
potência em
Deus. De
fato, aquilo
que é
princípio de
ação é
potência, de
onde que
pelo próprio
fato que
colocamos
Deus agir
pela
essência
divina,
colocamo-la
ser potência.
E assim a
razão de
potência em
Deus não
derroga nem
sua
simplicidade,
nem seu
primado,
porque não
é colocada
como algo
acrescentado
à essência.**

À SÉTIMA

**deve-se
dizer que
esta razão
prova que
em Deus
não existe
potência
passiva, e
isto nós o
concedemos.**

À NONA

**deve-se
dizer que
embora a
essência
divina seja
suficiente
para que por
ela Deus aja,
nem por
isto, todavia,
a potência
se torna
supérflua,
porque a
potência é
entendida
como
alguma
coisa
acrescentada
à essência,
mas que lhe
acrescenta
segundo o
intelecto
somente
uma relação
de princípio;**

**é a própria
essência, na
medida em
que é
princípio do
agir, que
possui razão
de potência.**





QUESTÃO SEGUNDA

**A CRIAÇÃO, QUE É O PRIMEIRO
EFEITO DA POTÊNCIA DIVINA,
E A CONSERVAÇÃO DAS COISAS
NO SER POR DEUS.**

**A segunda questão,
traduzida das questões III e V do De Potentia,
é acerca criação, que é o primeiro efeito
da divina potência, e da conservação
das coisas no ser por Deus.**

**E PRIMEIRO questionamos se Deus pode
criar algo do nada.**

**SEGUNDO, se as coisas se conservam
no ser por Deus ou se, cessada toda ação de Deus,
podem permanecer
por si mesmas no ser.**

**TERCEIRO, se Deus pode comunicar
a alguma criatura que possa se conservar no ser por si
mesma sem Deus.**

ARTIGO PRIMEIRO

- Artigo 1 da Questão III do De Potentia -

***E PRIMEIRO QUESTIONAMOS SE DEUS POSSA CRIAR ALGO DO
NADA.***

E PARECE QUE NÃO PODE, POIS,

Em primeiro, de fato, Deus não pode fazer algo contrário à comum concepção do espírito, assim como que o todo não seja maior do que a sua parte. Ora, conforme diz o Filósofo no primeiro livro da Física, foi comum concepção das sentenças filósofos que do nada nada se faz. Portanto, Deus não pode criar algo do nada.

Ademais, em segundo, tudo o que se faz, antes que fosse, era possível que fosse. De fato, se era impossível que fosse, não seria possível que se tornasse, pois nada se muda para aquilo que é impossível. Ora, a potência pela qual algo

**pode ser, não
pode ser senão
em algum
sujeito, porque
o acidente não
pode existir
sem o sujeito.
Portanto, tudo o
que se faz é
feito a partir da
matéria ou do
sujeito, de onde
que é
impossível
fazer- se algo a
partir do nada.**

**Ademais, em
terceiro, não
sucede que se
atravesse uma
distância
infinita. Ora, do
não ente de
modo simples
ao ente há uma
distância
infinita, o que é
patente pelo
fato de que
quanto a
potência está
menos disposta
ao ato, tanto
mais dista do
ato, de onde
que se este for
inteiramente
subtraído da
potência,
haverá uma
distância
infinita.**

Portanto, é impossível que algo transite de modo simples do não ente ao ente.

Ademais, em décimo, aquilo que é feito a partir do nada, possui ser depois de não ser. Portanto, deve-se considerar algum instante no qual não é por último, a partir do qual o não ser cessa, e algum outro instante no qual é por primeiro, a partir do qual o ser principia. Estes dois instantes ou serão um e o mesmo instante, ou serão diversos. Se forem o mesmo, daí se seguirá que dois contraditórios existem no mesmo instante. Se forem diversos, como entre dois instantes existe

**um tempo
intermediário,
seguir-se-á algo
ser
intermediário
entre a
afirmação e a
negação,
porque não
pode ser dito
após o último
instante no qual
não foi, nem ser
antes do
primeiro
instante no qual
foi. Ambas
estas coisas,
porém, são
impossíveis,
isto é, a
contradição
existir
simultaneamente
e ela possuir
um
intermediário.
De onde que é
impossível algo
fazer-se a partir
do nada.**

**Ademais, em
décimo
segundo, todo
agente age algo
semelhante a si.
Todo agente,
porém, age na
medida em que
é em ato. Nada
é feito, portanto,
senão aquilo**

**que está em ato.
Mas a matéria
primeira não
está em ato.
Portanto, não
pode ser feita,
principalmente
por Deus, que é
ato puro, de
modo que tudo
o que se faz, é
feito a partir da
matéria
pressuposta, e
não a partir do
nada.**

**Ademais, em
décimo sétimo,
quem faz dá o
ser ao que é
feito. Se,
portanto, Deus
faz algo a partir
do nada, Deus
dá o ser a algo.
Este ou será
algo que receba
o ser, ou nada.
Se for nada,
então o nada
será constituído
no ser por esta
ação, e desta
maneira não se
fará alguma
coisa. Se for
algo que receba
o ser, este será
outra coisa que
não Deus,
porque não é o
mesmo o que**

**recebe e o
recebido. Deus,
portanto, faz a
partir de algo
preexistente, e
não a partir do
nada.**

PORÉM, AO CONTRÁRIO,

**Em
primeiro ,
diz o
Gênesis
que**

***"No
princípio
criou
Deus
o céu e
a terra".***

**Gen .
1 ,
1**

**Ora, diz
a Glosa,
citando
Beda,
que
criar é
fazer
algo a
partir
do
nada.
Deus,
portanto,
pode
fazer
algo a
partir
do
nada.**

RESPONDO, DIZENDO QUE,

**devemos
sustentar
firmemente
que Deus
pode fazer
algo a partir
do nada e o
faz. Para
cuja
evidência
deve-se
saber que
todo agente
age
segundo
que seja em
ato, de onde
que importa
que a ação**

**seja
atribuída
àquele
agente por
aquele
modo pelo
qual lhe
convém ser
em ato.**

**As coisas
particulares
estão em
ato de modo
particular, e
isto de dois
modos.
Primeiro,
por
comparação
consigo
mesmo,
porque não
é toda a sua
substância
que é ato, já
que estas
coisas são
compostas
de matéria e
forma.
Daqui vem
que as
coisas
naturais não
agem
segundo o
seu todo,
mas agem
pela sua
forma, pela
qual estão
em ato.**

**Segundo,
por
comparação
às coisas
que estão
em ato,
porque em
nenhuma
coisa
natural se
incluem os
atos e as
perfeições
de todas as
que estão
em ato, mas
qualquer
uma delas
possui ato
determinado
a um gênero
e a uma
espécie.
Daqui vem
que
nenhuma
delas é ativa
do ser na
medida em
que é ser,
mas de seu
ser na
medida em
que é este
ser,
determinado
nesta ou
naquela
espécie,
porque o
agente age
o
semelhante**

a si.

**Por isso o
agente
natural não
produz o ser
de modo
simples,
mas o ser
preexistente
e
determinado
a isto ou a
aquilo
como, por
exemplo, à
espécie do
fogo ou à
brancura.
Por este
motivo o
agente
natural age
movendo,
pelo que
requer a
matéria, que
seja sujeito
de mutação
ou
movimento,
de onde que
não pode
fazer algo a
partir do
nada.**

**Deus, ao
contrário, é
totalmente
ato, tanto
em
comparação**

**consigo
mesmo, por
ser ato
puro, não
possuindo
composição
com
potência,
como em
comparação
com as
outras
coisas que
estão em
ato, porque
nele está a
origem de
todos os
entes. De
onde que,
por sua
ação,
produz todo
o ente
subsistente,
nada sendo
pressuposto,
na medida
em que é
princípio de
todo o ser e
segundo a
totalidade
de si. Pode,
por isto,
fazer algo a
partir do
nada, e esta
sua ação é
chamada
criação.**

Daqui vem

que no livro
`Das
Causas' diz-
se que o ser
das coisas o
é por
criação,
enquanto
que o viver
e outros tais
o são por
informação.
De fato, as
causalidades
do ente de
modo
absoluto
são
reduzidas à
primeira
causa
universal,
enquanto
que a
causalidade
das outras
coisas que
ao ser se
acrescentam
ou pelas
quais o ser
se
especifica
pertence às
causas
segundas,
as quais
agem por
informação,
como que
suposto o
efeito da
causa

universal.

À PRIMEIRA, PORTANTO,

**deve-se
dizer que o
Filósofo diz
ser comum
concepção
do intelecto
ou opinião
dos
filósofos
naturais que
do nada
nada se
pode fazer
porque o
agente
natural, que
por eles é
considerado,
não age a
não ser pelo
movimento,
sendo daí
necessário
algum
sujeito do
movimento
ou da
mutação.
Este, porém,
não é
necessário
no agente
sobrenatural,
conforme foi
dito.**

À TERCEIRA

**deve-se dizer
que antes que
o mundo
fosse era
possível que o
mundo fosse,
todavia não
era necessário
que alguma
matéria, sobre
a qual se
fundamentasse
uma potência,
preexistisse.
De fato, diz-se
no quinto livro
da Metafísica
que às vezes
algo é dito
possível não
segundo
alguma
potência, mas
porque nos
termos
enunciáveis
do mesmo não
há nenhuma
contradição,
segundo a
qual o
possível se
opõe ao
impossível.
Assim é que,
portanto,
dizemos que
antes que o
mundo fosse
era possível
que o mundo**

**se fizesse,
porque não
havia
contradição
entre o
predicado e o
sujeito do
enunciado.**

**Pode-se dizer
também que
era possível
por causa da
potência ativa
do agente, e
não por causa
de alguma
potência
passiva da
matéria.**

À TERCEIRA

**deve-se
dizer que
entre o ente
e o não ente
de modo
simples
existe
sempre de
algum modo
uma
distância
infinita, não,
todavia, do
mesmo
modo. Trata-
se, às vezes,
de uma
distância**

**infinita de
ambas as
partes,
como
quando se
compara o
não ser ao
ser divino
que é
infinito, ou
se compara
a brancura
infinita ao
negrume
infinito.
Trata-se,
outras
vezes, de
uma
distância
que é finita
somente de
uma parte,
como
quando
comparamos
o não ser de
modo
simples ao
ser criado
que é finito,
ou
comparamos
o negrume
infinito à
brancura
infinita.**

**Não pode,
portanto,
haver
trânsito do
não ser para**

**o ser que é
infinito, mas
tal transito
pode
realizar-se
para o ser
que é finito,
na medida
em que a
distância do
não ser a
este ser
possui
término de
uma parte,
embora não
se trate de
um trânsito
de modo
próprio. De
fato, o
trânsito
propriamente
se realiza
nos
movimentos
contínuos,
através dos
quais
transitam
uma parte
após a
outra.**

**Deste modo,
por
consequente,
de nenhum
modo ocorre
que o
infinito
possa ser
transitado.**

À DÉCIMA

deve-se
dizer que ao
fazer-se algo
do nada o
ser do que é
feito o é por
primeiro em
algum
instante. O
não ser,
porém, não é
naquele
instante nem
em algum
instante real,
mas
somente em
algum
instante
imaginário.
Assim como
além do
universo não
existe
nenhuma
dimensão
real, mas
somente
imaginária,
segundo a
qual dizemos
que Deus
pode fazer
algo além do
universo, ou
distante de
tanto do
universo,
assim

**também
antes do
princípio do
mundo não
havia algum
tempo real,
mas
imaginário, e
nele é
possível
imaginar-se
algum
instante no
qual por
último o não
ente foi.**

**Isto, porém,
não significa
que entre
estes dois
instantes
existe um
tempo
intermediário,
porque não
há
continuidade
entre o
tempo
verdadeiro e
o tempo
imaginário.**

À DÉCIMA SEGUNDA

**deve-se
dizer que
nem a
matéria,
nem a forma
e nem o
acidente são
propriamente
ditos serem
feitos, mas
o que é feito
é a coisa
subsistente.**

**Como o
fazer-se
termina no
ser, o fazer-
se convém
de modo
próprio
àquilo a
quem
convém ser
per se, isto
é, à coisa
subsistente.
De onde que
nem a
matéria,
nem a
forma, nem
o acidente
são
propriamente
ditos ser
criados,
mas ser
concriados.
É
propriamente
criada a
coisa**

**subsistente,
qualquer
que seja.**

**Pode-se
também
dizer que a
matéria
primeira
possui
semelhança
com Deus
na medida
em que esta
participa do
ente. De
fato, assim
como a
pedra é
semelhante
a Deus na
medida em
que é ente,
ainda que
não seja
intelectual
assim como
Deus, assim
a matéria
primeira
possui
semelhança
com Deus
na medida
em que é
ente, mas
não na
medida em
que é em
ato, pois o
ente é de
uma certa
forma**

**comum à
potência e
ao ato.**

À DÉCIMA SÉTIMA

**deve-se dizer
que Deus,
dando o ser,
simultaneamente
produz aquilo
que recebe o
ser, de onde
que não se
segue que aja a
partir de algo
preexistente.**





ARTIGO SEGUNDO

- Artigo 1 da Questão V do De potentia -

SEGUNDO, QUESTIONA-SE SE AS COISAS SÃO CONSERVADAS NO SER POR DEUS OU SE, CESSADA TODA A AÇÃO DIVINA, PERMANECEM POR SI NO SER.

E PARECE QUE SIM, POIS,

**Em primeiro,
de fato, diz o
Deuteronômio:**

**"As
obras de
Deus são
perfeitas".**

**Deut .
32 ,
4**

**Daqui
argumentamos
como segue.
Perfeito é
aquilo ao qual
nada falta,
conforme diz o
Filósofo no
terceiro livro
da Física. Ora,
àquilo que não
pode ser a não
ser mediante
algum agente
exterior, falta-**

**Ihe algo ao
seu ser. Tais
coisas,
portanto, não
são perfeitas,
de onde que
não podem
ser obra de
Deus.**

**Ademais, em
quarto, Deus é
causa das
coisas como
causa
eficiente.
Cessando,
porém, a ação
da causa
eficiente,
permanece o
efeito, como
quando ao
cessar a ação
do edificador
permanece a
causa, e
cessando a
ação do fogo
gerador ainda
permanece o
fogo gerado.
Cessando,
portanto, toda
a ação divina,
ainda poderão
as criaturas
permanecer
no ser.**

**Ademais, em
quinto, objeta-
se ao**

**argumento
precedente
que as causas
inferiores são
causas do
tornar-se e
não do ser, de
onde que o
ser dos efeitos
permanece,
removida a
ação das
causas do
tornar- se.
Deus, porém,
é causa para
as coisas não
somente do
tornar- se,
mas também
do ser. De
onde que não
pode o ser das
coisas
permanecer,
cessando a
ação divina.**

**Mas, contra
isso, pode-se
dizer que toda
coisa gerada
possui ser
pela sua
forma. Se,
portanto, as
causas
gerantes
inferiores não
são causas do
ser, não serão
causas das
formas, e**

**assim as
formas que
estão na
matéria não
serão
causadas
pelas formas
que estão na
matéria,
contrariando a
sentença do
Filósofo que
diz, no sétimo
livro da
Metafísica,
que a forma
que está
nestas carnes
e nestes
ossos é
causada pela
forma que
está nestas
carnes e
nestes ossos.
Contrariamente
a isto, seguir-
se-ia então
que as formas
na matéria
seriam
causadas
pelas formas
sem matéria,
segundo a
sentença de
Platão, ou por
um dador de
formas,
segundo a
sentença de
Avicenna.**

**Ademais, em
décimo, a
forma
substancial
também é
causa do ser.
Se, portanto,
as causas do
ser são
aquelas que
conservam as
coisas no ser,
a própria
forma da coisa
será suficiente
para que a
coisas se
consERVE no
ser.**

**Ademais, em
décimo
primeiro , as
coisas são
conservadas
no ser pela
matéria, na
medida em
que esta
sustenta a
forma. Mas a
matéria,
segundo o
Filósofo, é
ingênita e
incorruptível,
e assim não é
causada por
alguma causa,
de onde que
permanece,
removida toda
ação da causa**

**eficiente. As
coisas,
portanto,
ainda
poderiam
conservar-se
no ser,
cessando a
ação da
primeira causa
eficiente, que
é Deus.**

PORÉM, AO CONTRÁRIO,

**Em
terceiro ,
diz São
Gregório
no VIº
Livro
dos
Morais
que**

***"Todas as
coisas se
reduziriam a
nada,
se a mão do
Onipotente
não as
sustentasse".***

RESPONDO, DIZENDO QUE,

**devemos
conceder
sem dúvida
alguma que
as coisas são
conservadas
no ser por
Deus, e que
seriam
reduzidas a
nada em um
momento se
fossem por
Deus
abandonadas,
a razão do
que podendo
ser tomada
do que se
segue.**

**É necessário
que o efeito
dependa de
sua causa.
Isto, de fato,
pertence à
razão do
efeito e da
causa, o que
nas causas
formais e
materiais
aparece
como
manifesto,
pois, retirado
de qualquer
coisa o seu
princípio
material ou
formal, a
coisa**

**imediatamente
cessa de ser,
já que tais
princípios
entram na
essência da
coisa.**

**Porém é
necessário
que o mesmo
julgamento
valha quanto
às causas
eficientes e
quanto às
causas
formais e
materiais,
porque a
causa
eficiente é
causa da
coisa na
medida e, que
induz a forma
ou dispõe a
matéria. De
onde que é a
mesma a
dependência
da coisas à
causa
eficiente e à
matéria e à
forma, já que
por uma
delas
depende da
outra.**

**Quanto às
causas finais,**

**também é
necessário
aplicar-se o
mesmo
julgamento
que à causa
eficiente,
porque o fim
não é causa a
não ser na
medida em
que move a
causa
eficiente à
ação, não
sendo a
primeira no
ser, mas na
intenção. De
onde que,
onde não há
ação, não há
causa final,
como é
patente no
terceiro livro
da Metafísica.**

**O ser da
coisa feita,
portanto,
depende da
causa
eficiente na
medida em
que depende
da própria
forma da
coisa feita.**

**Há, porém,
alguma causa
eficiente da**

**qual a forma
da coisa feita
não depende
per se e
segundo a
razão de
forma, mas
somente por
acidente,
assim como a
forma do fogo
gerado não
depende do
fogo gerante
per se e
segundo a
razão de sua
espécie, pois
na ordem das
coisas
possuem o
mesmo grau,
e nem a
forma do fogo
é outra no
gerado do
que no
gerante,
distinguindo-
se entre si
somente por
divisão
material, na
medida em
que uma está
em outra
matéria. De
onde que,
sendo o fogo
gerado
dependente
de alguma
causa pela**

**sua forma, é
necessário
que esta
própria forma
dependa de
um princípio
mais alto, que
seja causa da
forma per se
e segundo a
razão própria
da espécie.**

**Como, porém,
o ser da
forma na
matéria,
considerado
per se, não
envolve
nenhum
movimento
ou mutação, a
não ser talvez
por acidente,
e todo corpo
não age a não
ser movido,
como o prova
o Filósofo, é
necessário
que o
princípio pelo
qual a forma
depende per
se seja algum
princípio
incorpóreo.
De fato, o
efeito
depende da
causa agente
pela ação de**

**algum
princípio. E
se algum
princípio
incorpóreo é
de algum
modo causa
da forma, ele
o será na
medida em
que age pela
virtude do
princípio
incorpóreo, e
como que
sendo seu
instrumento.
Este princípio
corpóreo será
necessário
para que a
forma
principie a
ser, na
medida em
que a forma
não principia
a ser senão
na matéria, já
que a matéria
não pode
substar à
forma
achando-se
de qualquer
modo, pois é
necessário
que o ato
próprio esteja
na matéria
própria.**

Estando,

**portanto, a
matéria em
uma
disposição
que não
compete a
alguma
forma, esta
não poderá
seguir-se de
modo
imediato do
princípio
incorpóreo,
do qual a
forma
depende per
se. De onde
que é
necessário
que haja algo
que
transmute a
matéria, e
este é algum
agente
corpóreo, ao
qual pertence
o agir
movendo. E o
agente
corpóreo age
em virtude do
princípio
incorpóreo,
sua ação
sendo
determinada
a esta forma
na medida em
que tal forma
esteja nela,
em ato, como**

**nos agentes
unívocos, ou
por virtude,
como nos
agentes
equivocos.**

**Assim,
portanto, tais
agentes
corporais
inferiores não
são
princípios
das formas
nas coisas
feitas, exceto
na medida em
que possa
estender-se a
causalidade
da
transmutação,
já que não
agem senão
transmutando,
e isto o fazem
na medida em
que dispõem
a matéria e
fazem sair a
forma da
potência da
matéria.
Quanto a isto,
portanto, as
formas das
coisas
geradas
dependem
das gerantes
naturais que
as fazem sair**

**da potência
da matéria,
mas não
quanto ao ser
absoluto.**

**De onde que,
removida a
ação do
gerante,
cessa a
condução da
potência ao
ato, que é o
fazer-se das
coisas
geradas. Não
cessam,
porém, as
próprias
formas,
segundo as
quais as
coisas
geradas
possuem ser.
Daqui vem
que,
cessando a
ação do
gerante, o ser
das coisas
geradas
permanece,
mas não o
seu fazer-se.
Se, porém
existirem
formas que
não estão na
matéria,
como são as
substâncias**

**intelectuais,
ou em
matéria de
nenhum
modo
indisposta à
forma, como
é o caso dos
corpos
celestes, nos
quais não há
disposições
contrárias, o
princípio
destas coisas
não poderá
ser senão um
agente
incorpóreo,
que não age
através do
movimento, e
nem estas
coisas
dependerão
de algo
segundo o
fazer-se do
qual não
dependem
segundo o
ser.**

**Assim como,
portanto,
cessando a
ação da
causa
eficiente, que
age pelo
movimento,
no mesmo
instante**

**cessa o fazer-
se das coisas
geradas,
assim
também
cessando a
ação do
agente
incorpóreo,
cessa o
próprio ser
das coisas
por ele
criadas. Ora,
este agente
incorpóreo,
pelo qual
todas as
coisas são
criadas, é
Deus,
conforme foi
mostrado em
outras
questões,
pelo qual não
são somente
a forma das
coisas, mas
também as
matérias. E
quanto a este
propósito não
difere se isto
se dá de
modo
imediato, ou
por uma certa
ordem, como
alguns
filósofos
colocaram.
De onde que**

**se segue que,
se cessasse a
operação
divina, todas
as coisas no
mesmo
momento se
reduziriam ao
nada, assim
como foi
demonstrado
pelas
autoridades e
pelos
argumentos
dos `porém,
ao contrário'.**

À PRIMEIRA, PORTANTO,

**deve-se
dizer que
as
criaturas
de Deus
são
perfeitas
na sua
natureza e
na sua
ordem.
Dentre
outras
coisas que
se
requerem
para a
perfeição
das
mesmas,
porém,**

**inclui-se
também
esta, que
sejam
sustentadas
no ser por
Deus.**

À QUARTA

**deve-se
dizer que
tais
agentes
inferiores
são causas
das coisas
quanto ao
seu fazer-
se, mas não
quanto ao
seu ser
considerado
per se.
Deus,
porém, é
causa per
se do ser,
de onde
que não há
semelhança.**

À QUINTA

**deve-se dizer que
como os agentes
corporais não
agem senão
transmutando, e
nada é
transmutado
senão em razão da
matéria, a
causalidade dos
agentes corporais
não pode
estender- se senão
às coisas que
estão, de algum
modo, na matéria.
E porque os
filósofos
platônicos e
Avicenna não
sustentaram que
as formas fossem
tiradas da matéria,
eram por isso
obrigados a
afirmar que os
agentes naturais
somente
dispunham a
matéria, enquanto
que a indução da
forma seria
realizada por um
princípio
separado.**

**Se, porém,
sustentarmos que
as formas
substanciais são
tiradas da
potência da
matéria, segundo**

**a sentença de
Aristóteles, os
agentes naturais
não somente
serão causas das
disposições da
matéria, mas
também das
formas
substanciais, isto,
porém, somente
na medida em que
tais formas são
trazidas da
potência ao ato.
Eles serão,
conseqüentemente,
princípios do ser
quanto a iniciação
ao ser, e não
quanto ao próprio
ser de modo
absoluto.**

À DÉCIMA

**deve-se
dizer
que,
cessando
a ação
divina,
também
a forma
cessaria,
de onde
que não
pode ser
princípio
do ser.**

À DÉCIMA PRIMEIRA

**deve-se
dizer que
a matéria
primeira é
dita
ingênita
porque
não
procede
ao ser por
geração.
Daqui,
porém,
não se
segue que
não
provenha
de Deus,
já que é
necessário
que todo
ser
imperfeito
tenha
origem no
perfeito.**





ARTIGO TERCEIRO

- Artigo 2 da Questão V do De potentia -

**TERCEIRO, QUESTIONA-SE SE DEUS PODE COMUNICAR A
ALGUMA CRIATURA QUE SE CONSERVE NO SER POR SI
MESMA, SEM DEUS.**

E PARECE QUE SIM, POIS,

**Em
segundo,
de fato,
há mais
no
poder
das
coisas e
de Deus
do que
no
poder
de
nosso
intelecto.
Mas
nosso
intelecto
pode
entender
a
criatura
sem
Deus.
Com
muito
mais
razão,
portanto,
poderá
Deus
dar à**

**criatura
com que
se
conserva
no ser
por si
mesma.**

PORÉM, AO CONTRÁRIO,

**Deus não
pode fazer
algo em
diminuição
de sua
autoridade.
Prejudicaria
ao seu
domínio,
porém, se
algo
pudesse ser
sem a sua
conservação.
Deus,
portanto,
não pode
fazer isto.**

RESPONDO, DIZENDO QUE,

**não pertence à
onipotência
divina que Deus
possa fazer que
Deus possa
fazer com que
dois
contraditórios
sejam
simultaneamente.**

**Ora, afirmar que
Deus faça algo
que não
necessite de sua
conservação
implica em uma
contradição. Já
foi mostrado, de
fato, que todo
efeito depende
de sua causa, na
medida em que é
sua causa. Ao
dizermos,
portanto, que
este algo não
necessita da
conservação de
Deus,
colocamos que
não é criado por
Deus. Ao
dizermos que
Deus o fêz,
colocamos ser
criado.**

**Daí vem que,
assim como
implicaria em
uma contradição
afirmar que Deus**

**fizesse algo que
não fosse criado
por ele, assim
também o
implicaria se
alguém
afirmasse que
Deus fizesse
algo que não
necessitasse de
sua
conservação.**

**De onde
concluímos que
ambas estas
coisas, pela
mesma razão,
não podem ser
feitas por Deus.**

À SEGUNDA, PORTANTO,

**deve-se
dizer que
embora o
intelecto
possa
entender a
criatura
não
entendendo
Deus, não
pode,
todavia,
entender a
criatura
não ser
conservada
no ser por
Deus. Isto,**

**de fato,
implicaria
em uma
contradição.**

